

O Terreiro E A Igreja: As Relações Entre O Templo Afro-Cristão Nagô Urucaia E O Catolicismo Em Abaetetuba-Pa

Roberto Francisco De Oliveira

Doutor Em Ciências Da Religião – Universidade Federal Do Pará

Afonso Welliton De Sousa Nascimento

Doutor Em Educação - Universidade Federal Do Ceará

Resumo

O presente artigo trata das relações que se estabeleceram entre o espaço africanizado do babalorixá pai Paulo de Oxóssi com a catolicidade cristã, realçando sobremaneira as consequências sociais e ideológicas que se perpetraram mediante essas relações. Utiliza um aparato conceitual e metodológico baseado na compilação de entrevistas. Realça o papel decisório das autoridades eclesiais envolvidas nesse processo e resgata os principais episódios que marcaram a vida e legados deixados pelo pai Paulo. O artigo se propõe a uma exposição científica da luta e resistência do terreiro no seio de uma sociedade cristã, bem como colocar em evidência os méritos alçados pelo pai-de-santo apesar dos estigmas oriundos do preconceito social e histórico sofrido pelo povo de santo. A visita de um Bispo católico ao terreiro e o tombamento da festividade do orixá Yemanjá como Patrimônio histórico e imaterial do município de Abaetetuba constituem marcos eternizados pela obra do pai Paulo.

Palavras-Chave: *candomblé, catolicismo, resistência social.*

Date of Submission: 17-06-2024

Date of Acceptance: 27-06-2024

I. Introdução

É sabido por todos da luta contínua dos espaços africanizados para fazer valer à sociedade o seu caráter identitário. Luta histórica que recua mesmo à época longínqua de nossa colonização. Luta que rasga séculos e se perpetua até o presente, provando, de um lado, que os arcanos mecanismos de minimização e detração do negro, incluindo sua cultura, continuam vivos e ativos e, de outro lado, comprovando que os vitimados não cedem à opulência de seus opressores.

O combate ao racismo, à intolerância, ao preconceito e à violência física e simbólica nunca encontrou trégua entre os oprimidos. Com efeito, por diversos caminhos a mancha da discriminação se alastra nos filamentos da sociedade, envenenando consciências e levando-as ao erro de acreditar que há gentes melhores que outras gentes.

Não se calam sobre isso os registros da história, as abordagens da sociologia, as constatações da antropologia, as averiguações das outras chamadas ciências humanas. Em unísono gritam essa realidade nos solos nacionais, do “Oiapoque ao Chui”. Isso faz com que os temas do preconceito e da discriminação conservem-se, ao mesmo tempo, antigos e atuais, perpetrando as pesquisas a desvelar os recentíssimos modos de sua propagação no hoje.

É sobre isso que nos propusemos olhar. Aqui, no município paraense de Abaetetuba, como se lida com esse fenômeno? Como se destila a intolerância e como se comportam suas vítimas? Como os centros e terreiros, espaços africanizados de cultura religiosa negra, respondem aos ataques e vexames desse incansável inimigo?

Na impossibilidade de construir uma exposição global dessa temática na vasta geografia abaetetubense, que seria inviável e impossível a uma pesquisa de pós-doutoramento, recortamos um *locus* de acesso aos nossos questionamentos. Trata-se do Templo Afro-cristão Nagô Oxóssi Urucaia. Mas por que esse e não outro lugar? Porque evidenciamos particularmente nesse espaço uma fermentação de todos os ingredientes que norteiam nossa intencionalidade acadêmica: história, resistência e conquista. O negro e sua cultura se fazem valer nesse ambiente que, no nosso entendimento, merece uma consideração exemplar pelo reduto universitário.

A então liderança do Templo Urucaia, o pai Paulo Cardoso ou Paulo d’Oxóssi, mantém-se na solicitude de seus ideais, propiciando o avançar das religiões de matrizes africanas no que tange os itens do respeito e afirmação social. Considerado por muitos como o Patriarca dos pais-de-santo abaetetubenses, Paulo Cardoso não se esquiva do cenário político-representativo, recebendo homenagens e reconhecimentos públicos, congratulando-se com o tombamento de seu terreiro como Patrimônio cultural municipal e elevação de seu Tambor à Yemanjá como Patrimônio cultural e imaterial de Abaetetuba, títulos notoriamente concedidos em cerimônia pública na Câmara dos Vereadores em sessão especial.

Quer nosso olhar vislumbrar um pouco dessa atmosfera africanizada de nosso município, salientando, obviamente, o tópico do enfrentamento e resistência ideológica do negro contra os embustes raciológicos que buscam denegri-lo. Firmamos, portanto, em nossa pesquisa a proposta *Decolonial* como fundo filosófico e critério argumentativo de nossas considerações.

II. Cristianismo Católico E Diálogo Inter-Religioso

As relações entre a Igreja Católica Apostólica Romana e as outras formas de cristianismo, particularmente o Protestantismo e suas variantes, com as religiões de matrizes africanas no Brasil sempre foram pautadas em uma tônica de chauvinismo. A fé cristã recebera a legitimação das esferas de poder e as forças politizadas investiam contra toda e qualquer expressão religiosa que destoasse da cruz de Cristo.

Comprovam os primeiros documentos formalizados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dos inícios da década de 70 do século passado. Fundamentado nos etnólogos pioneiros de nossa terra, Arthur Ramos e Edison Carneiro, que apenas inauguraram as pesquisas afro-brasileiras com suas impressões demarcadas pelo limite de sua época, e na análise de alguns religiosos que tiveram concessão de penetrar os terreiros, como o frei Boaventura Kloppenburg, só para citar a maior autoridade religiosa de então, o secretariado regional Leste 1 da CNBB publica um compilado de observações teológicas e propostas de ações pastorais frente à *contaminação* das crenças africanas no meio da população cristã ignorante. O próprio nome desse estudo eclesiástico, *Macumba*, já revela qual seja a intencionalidade da narrativa.

A natureza desses primeiros estudos ressalta os limites das ciências antropológicas de inícios do século XX no Brasil. Denunciam, por assim dizer, o erro contido nas doutrinas *animistas* e *atrasadas* dos povos originários de África que, com zelo e ardor missionários, precisariam ser abolidas do fecundo território cristão-brasileiro. A estratégia seria a conversão desse *paganismo idólatrico* à verdade cristã e recondução dessa população às crenças da Igreja.

Em 1995, no pontificado de João Paulo II, é lançada uma exortação apostólica intitulada *Ecclesia in Africa* imbuída das mesmas preocupações por parte do catolicismo romano. Respeitoso em relação às abordagens anteriores, tal documento pontifício revela tolerância quanto aos aspectos meramente culturais do berço africano, contudo, em contrapartida, retoma a visão intransigente de um cristianismo centralizador. Cristo é o único caminho que conduz todos os povos à salvação – reza o documento. Da violência, como meio usado e abusado pela coerção pretérita, passa-se à tentativa de convencimento que visa esclarecer ao africano a superioridade do Cristo-Deus sobre as divindades do continente negro. É na paciência e pela caridade que se há de reconduzir os povos do erro à verdade.

Não houve substancial mudança de visão no final de 2011, quando da publicação de *Africae munus*, autoria do papa Bento XVI. A Igreja continua insistindo na manutenção e tolerância dos elementos culturais, sem violência ou constrangimento para com eles, próprios das famílias africanas, aos quais os missionários cristãos deveriam se acomodar. Quanto ao patrimônio especificamente religioso, entretanto, deve-se salvaguardar a supremacia absoluta do evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. À intromissão de conteúdos religiosos africanos no baú da fé cristã caberia reprimenda e correção.

O problema da “dupla pertença” – ao cristianismo e às religiões tradicionais africanas – permanece um desafio. É necessário guiar as pessoas, através de uma catequese e uma inculturação profundas, para a descoberta da plenitude dos valores do Evangelho. Convém determinar o significado profundo de tais práticas de feitiçaria, identificando as implicações teológicas, sociais e pastorais que esta calamidade acarreta (BENTO XVI, 2012, p. 87).

Ora, esses apontamentos servem para nos mostrar que nem mesmo com o correr dos séculos se provocaram alarmantes mudanças na maneira de pensar da *Madre Ecclesia*. Sua doutrina continua vislumbrada como irretocável e irredutível, sobrevivendo mesmo com o avançar acelerado do tempo (DUSSEL, 2020). Tempo que tudo muda, menos a doutrina da Igreja.

E é exatamente esse enrijecimento do *depositum fidei* do catolicismo cristão que explica o porquê de as relações da Igreja com as religiões africanizadas permanecerem atualmente tais quais foram nos dias de ontem. Não se apresenta evolução, pois não se permite flexibilização.

Experimentando essa dura realidade na pele, o babalorixá Paulo, centro de nossa pesquisa, deu-nos extenso testemunho de vivências negativas desferidas por esses golpes fundamentalistas de quem, ironicamente, prega o evangelho da caridade. Alvo do preconceito cristão hegemônico, Paulo colecionou episódios de humilhação, menosprezo, sátira e indiferença, atualizando em sua vida o que desde sempre a história registrou em seus anais.

Mas nem todos os dias foram de trevas. Lampejos de luminosidade ocorreram. E, sobre isso, vale lembrar o inesperado episódio, relatado pelo pai-de-santo, da visita do Bispo diocesano ao seu templo africano. Tratava-se de Dom Flávio Giovenale, hoje bispo da Diocese de Cruzeiro do Sul, no Acre. Para surpresa de todos, e ainda do pai Paulo, durante uma festividade do terreiro, acenava na entrada do barracão a figura do Bispo de Abaetetuba.

Felizmente o acontecido se immortalizou numa fotografia exposta na parede do salão de gira, retratando o Bispo e o Babalorixá.

Por certo que a fineza e cordialidade do episcopo católico causaram espanto e, ao mesmo tempo, horror na consciência de muitos beatos romanizados. Afinal, nunca se esperava a inserção de um bispo, autoridade máxima da Igreja local, num recinto africanizado. E com direito à fotografia.

Todavia, é com lamento que julgamos a visita em questão como uma exceção que servia para confirmar a regra geral. Grassava no cotidiano do clero os gargalhos aos *macumbeiros*, a demonização dos rituais afro, as falas sobre o *desequilíbrio psicológico* de seus adeptos e uma declaração de destinação soteriológica confirmada nas chamadas do inferno.

O diálogo ecumênico – entre Igrejas cristãs – e inter-religioso – do cristianismo com outras religiões – amplamente discutido nas atas do Concílio Vaticano II, ocorreu entre os anos de 1962 a 1965. O Concílio dedicou dois documentos sobre o tema: o decreto *Unitatis redintegratio* e a declaração *Nostra aetate*, que versavam sobre o ecumenismo e o diálogo entre religiões, respectivamente. Além disso, compilou um material cuja intenção era estreitar a aproximação entre a Igreja ocidental e a oriental. Nascia, assim, o decreto *Orientalium ecclesiarum*.

Evidentemente, todo esse esforço do catolicismo romano tinha a finalidade de atualizar a Igreja com o mundo. A palavra italiana em voga era *aggiornamento*. Afinal, soava como retrógrada uma instituição, ultrapassando a segunda metade do século XX, ainda presa e dependente de âncoras firmadas no século XVI pelo Concílio de Trento. Clamava-se por novos ares, um abrir de janelas que vislumbrasse a paisagem do mundo, após quatro séculos de estagnação.

Nesse contexto, a ideia era inaugurar e fomentar o diálogo igreja-mundo. Se fôssemos traduzir o Concílio em uma ideia pensaríamos numa central: tolerância para com o diferente. Porém, a imposição desse *abrir-se* não veio da Igreja, mas do mundo que não suportava a intransigência. Ou a Igreja aceitava a condição de abertura, ou se reduziria a um gueto de adeptos:

A teologia do medo já não tem audiência e o público é tão instruído ou mesmo mais que aqueles que ‘oferecem’ a religião (DELUMEAU, 1978, p. 110).

A desconstrução do imaginário religioso sobre o secular tem conotações bem graves no filósofo alemão Peter Sloterdijk. Suas análises apontam para o esfacelamento e dissolução progressivos do poder inspiracional da religião para com o mundo. E, já na atualidade, as próprias Igrejas, tanto as reformadas quanto a romana, assumiram um caráter de subcultura (SLOTERDIJK, 2019, p. 157).

Afirmção impactante e contrastante para os dias dos séculos medievais, onde o cristianismo não foi apenas um portador da cultura; mediante a diligência dos monges, ele, na verdade, tornou-se a cultura (JOHNSON, 2001, p. 191).

Talvez pela perda da capacidade de adaptação ao novo e ao diferente, habilidade tão aguçada que a Igreja possuía nos primeiros tempos de seu nascimento, se forjou um descompasso histórico, provocando um impasse entre a evolução celerada das camadas seculares e os passos lentos e cambaleantes das instituições religiosas. Para se ter noção dessa envergadura, basta dizer que a doutrina católica que vigora nos nossos dias é a mesmíssima construída no século XVI, por ocasião do Concílio de Trento que apenas deu fundamentação a doutrinas bem antigas, elaboradas nos primórdios da reflexão cristã. Nossa dogmática católica do século XXI é a mesma condensada no século XVI!

Daí não nos admirarmos com a mentalidade medieval que os pontífices e secretariados romanos tratam assuntos como a evangelização em África ou em cultura africanizada. Conservando, portanto, um corpo doutrinário rígido e etnocêntrico, como se faz possível conciliar a exigência do diálogo impetrada pelo Concílio Vaticano II? Ora, nesses termos, o diálogo e a tolerância não passam de verbalizações vazias.

Partindo dessas considerações teóricas, passamos para a análise sociológica desse tema no município de Abaetetuba. Palco de uma única forma de catolicismo até a virada de 2021 e sediando inúmeras denominações de protestantismo, como se materializa a discussão do diálogo e da tolerância? De modo particular: como se estabelecem, na prática, as relações entre Igrejas cristãs e religiões de matrizes africanas?

III. Entrevistas Decoloniais

Quando da visita do bispo católico Dom Flávio Giovenale da diocese de Abaetetuba ao terreiro de pai Paulo, abre-se um vão de intercomunicação entre religiões. Obtivemos o contato do bispo na esperança de entrevistá-lo acerca do ocorrido. Sem interpor obstáculos e com uma cordialidade sem limites, Dom Flávio nos cedeu o seu tempo e atenção, respondendo aos nossos questionamentos. Com a autorização do mesmo, reproduzimos em nossa pesquisa o conteúdo de nosso diálogo. A entrevista concedida a 5 de março de 2023, segue-se:

Entrevistador: Diante da abertura ao diálogo inter-religioso incentivada pelo Concílio Vaticano II, como o senhor julga que essa proposta segue conduzida pelos bispos brasileiros?

Dom Flávio: Neste campo do diálogo ecumênico e inter-religioso há muita diversidade no Brasil entre uma região e outra região, entre diocese e diocese. O diálogo e o respeito são intensos nas regiões onde a presença de igrejas

históricas (luteranas e anglicanas especialmente) é muito forte. O mesmo acontece com o diálogo inter-religioso em Estados como a Bahia e Rio de Janeiro, nos quais a presença de cultos afro-brasileiros é forte. Mas atualmente estamos vivendo uma situação, diria “especial”, estranha: se de um lado aumenta o diálogo no campo teológico e entre representantes oficiais, por outro lado o clima de intolerância geral que se criou nos últimos anos está influenciando o campo religioso, com o aumento de atitudes e comportamentos extremistas, intolerantes. Esta situação preocupa.

Entrevistador: O senhor visitou, quando bispo de Abaetetuba, o terreiro do pai Paulo. Que sensação teve ao pisar em um espaço africanizado? Não teve receio de ser mal interpretado por uma fração de católicos de mente fechada ao diálogo?

Dom Flávio: O Pai Paulo é uma liderança religiosa muito positiva e serena em Abaetetuba. Já me tinha encontrado com ele em algumas celebrações cívicas e em festas populares, como banho de cheiro da noite de São João na casa de dona Nina Abreu. Por causa disso, quando recebi o convite fiquei muito contente e tranquilo. Contento porque vi nele respeito para com nossa Igreja e vontade de diálogo e colaboração. Tranquilo por causa do meu relacionamento com o povo e, repito, pela liderança positiva do Pai Paulo. Quando cheguei no terreiro, o Pai Paulo me acolheu muito contente e fez uma profissão de fé esplêndida. Durante a cerimônia me convidou a rezarmos juntos o Pai Nosso e a dar a bênção. Muitas pessoas que participavam da cerimônia eram fiéis da igreja católica, vivendo num sincretismo popular (inclusive o terreiro era chamado de afro-cristão). Eu não recebi pessoalmente nenhuma crítica à minha ida ao terreiro do Pai Paulo, mas penso que algumas pessoas tenham discordado, ou se sentiram questionadas pela minha atitude.

Entrevistador: O senhor acredita que no futuro o muro que separa as religiões será demolido?

Dom Flávio: Eu espero que este futuro chegue rapidamente superando dois obstáculos. O primeiro é a superficialidade que acha que “tudo é igual”, “que Deus é o mesmo”, que as religiões são só construção humana. O segundo obstáculo é a intolerância que vê as pessoas diferentes como inimigos a serem eliminados e não irmãos que percorrem caminhos diferentes, até complementares, porque Deus – que é amor – é maior do que qualquer a religião. O muro deve cair para se realizar o projeto de que Jesus falou à Samaritana: “Está chegando a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade. Estes são os adoradores que o Pai procura” (Evangelho de João 4, 23).

O outro bloco de entrevistas, concentrado na pessoa do pai Paulo, apresentou a trajetória decolonial dessa afro-liderança. Conseguimos agendar um encontro com o babalorixá no próprio terreiro dele em 10 de agosto de 2023. Naquela noite fomos, eu e o fotógrafo abaetetubense Sérgio Rodrigues, produzir o material que se segue.

Entrevistador: Pai Paulo, fale-nos um pouco de sua pessoa e de como surgiu sua vocação e missão.

Pai Paulo: Minha trajetória se iniciou com 13 anos de idade, quando começaram a se manifestar em mim entidades da umbanda. Naquele tempo o preconceito era pior do que hoje. Não existia candomblé em Abaetetuba. Era só umbanda e pajelança. Eu me lembro que fui assistir a um ritual de umbanda aqui em Abaetetuba e lá, pela primeira vez, se manifestou em mim. Por ser da Igreja católica apostólica romana, minha família não aceitava. Contra a posição de meus familiares, insisti em permanecer 5 anos na umbanda. Depois disso, frequentei vários terreiros em Belém mas não me agradei de nenhum. Voltei para Abaetetuba, continuando a tocar umbanda por 1 ano. Deus me encaminhou uma pessoa que já estava predestinada em meus caminhos, porque é Deus quem predestina todas as coisas. E, por meio dessa pessoa, em 1979 decidi iniciar-me no candomblé. Voltei já iniciado no santo para Abaetetuba, trazendo comigo todos os fundamentos africanos do meu terreiro. No ano seguinte, em 1980, eu inaugurei a Casa de Oxóssi. Hoje estou com 44 anos de sacerdócio. Perdi minha identidade civil. Quase ninguém me vê como Paulo; sempre como Pai Paulo. Hoje sou respeitado mas já sofri muito preconceito e fui bastante estigmatizado. Nesses 40 anos de Babá iniciei 38 pessoas no santo, conferi 17 outorgas, várias casas de santo foram abertas através de mim, não só em Abaetetuba mas em outras cidades, Estados e mesmo fora do Brasil, em países como Canadá e Estados Unidos. Eu nada tinha quando comecei. Nem sequer moradia pois fui expulso da casa da minha avó. Criei 38 pessoas e sou feliz por servir aos outros e aos Orixás.

Entrevistador: Pai Paulo, o senhor se tornou um ícone da religião afro no município de Abaetetuba. Prova disso é que seu terreiro e sua Festa de Yemanjá foram tombados como Patrimônio cultural e imaterial municipal. Como o senhor avalia esse reconhecimento público?

Pai Paulo: Como uma grande luta porque inaugurei a Festividade de Yemanjá um ano antes de ser iniciado. Fará 45 anos de comemoração. No começo saía pedindo numa velha Kombi até adquirir o reconhecimento conferido na Câmara de Vereadores. É uma festa que entregamos uma oferenda ao Orixá, mas ao mesmo tempo, estamos louvando Nossa Senhora, a nossa maneira. Recebi comendas. Sou Comendador do Estado do Pará pelos trabalhos que fiz em prol da religião e sociedade abaetetubense.

Entrevistador: No seu barracão tem uma fotografia sua com Dom Flávio Giovenale, então bispo católico aqui em Abaetetuba. Como se deu esse encontro? Qual a sensação de um bispo pisar em seu terreiro?

Pai Paulo: Isso se deu em 20 de janeiro de 2000. Fizemos os convites para várias pessoas e autoridades da cidade. No dia chegado deu um forte temporal. Alguém tocou no meu ombro, no meio do ritual, e disse-me: olhe para trás. Eu fiquei surpreso e muito feliz – era o bispo Dom Flávio. Todo mundo o conhecia como bispo católico e o via numa casa de candomblé. Ele apresentou uma humildade e energia tão pura que nos acolheu maravilhosamente. Todos do terreiro fomos tomar a benção dele, por respeito à hierarquia dele. Mas naquele tempo se gerou um comentário muito grande: “O bispo estava numa casa de macumba” – diziam. Dom Flávio não se importava e reiterava: “Não me escondo de Deus nem de ninguém. Sua casa é um templo religioso onde habita o Espírito de Deus”. Pediu a nossa benção na nossa fé e se despediu. A vinda de Dom Flávio trouxe uma elevação para a nossa casa.



(Fotografia de Dom Flávio junto a Pai Paulo em visita ao terreiro)

Por vezes, durante a entrevista, o pai de santo se emocionava, lembrando os inúmeros episódios de perseguição que enfrentara. Adjetivações fortes como *preto macumbeiro*, *casa do demônio*, *feiticeiro*, eram comuns e ditavam a pauta do dia a dia de Paulo de Oxóssi.

Paulo Clecival de Abreu Cardoso é filho de Olival Silva Cardoso e Maria Célia de Abreu Cardoso. Sua história se revela como a tão conhecida história dos candomblecistas de nossa nação. Guarda no bojo feridas, algumas cicatrizadas outras não, causadas pela intolerância da sociedade cristã e seus mecanismos de combate. Infelizmente o caso supramencionado da visita do Bispo ao Terreiro enterrou-se no esquecimento. Não encontrou ocasiões para novas aberturas por parte do catolicismo posterior e a atmosfera de indiferença e hostilidade continuou a escurecer o céu das religiões em Abaetetuba.

IV. Identidade E Resistência Do Terreiro Urucaia

A academia produziu muitos estudos que enfatizam o aspecto da preservação identitária e resistência nos espaços africanizados do Brasil. Uma dessas abordagens analisa o tratamento conferido aos terreiros de candomblé nas Alagoas de início do século XX. Trata-se da brilhante pesquisa de Ulisses Rafael: *Xangô rezado baixo*.

O título, notadamente, referencia-se às reações advindas do soar dos tambores nos arredores de Maceió. Documenta nos 1912 o cenário das invasões e destruições dos terreiros pela polícia alagoana. Violência impingida

aos pais e filhos de santo muitas vezes misticamente incorporados acompanhada pela quebra das imagens, dos utensílios e vasos consagrados pela ritualística ancestral.

Prática recorrente e legitimada pela piedade cristã que abomina os *ritos satânicos* desses espaços, bem como a *poluição sonora* alastrada pelo rufar dos atabaques, instrumentos diabólicos. A ação policial, portanto, refletia e se respaldava na mentalidade apologética do cristianismo de então.

Ora, toda essa documentação arquivológica reunida por Rafael (2013) pode servir de comparativo com o quadro atual, passados de cem anos, de constatação pouco modificada, não obstante o espaço centenário que nos separa dos dias da Primeira República. É bem verdade que as perseguições policiais amparadas numa espécie de *lei religiosa* desintensificaram – mas não cessaram – perdurando, no entanto, as várias formas de violências simbólicas contra os culto afro-brasileiros.

É o que constata Lúcia Guerra (2013), ampliando a realidade do *Xangô rezado baixo* com a *Xambá tocando alto*. A autora salta das Alagoas de Rafael Ulisses para o bairro de São Benedito em Olinda. O terreiro pernambucano de Santa Bárbara da Xambá batalha contra a carga de preconceito social, angariando em 2006 o título de Quilombo urbano. Guerra declara que apesar das perseguições sofridas ao longo dos anos e que obrigaram o Xangô a rezar baixo, a Nação Xambá vem tocando alto (GUERRA, 2013, p. 14).

Outra não é a realidade de Paulo Cardoso. Nascido a 7 de abril de 1960, no município de Abaetetuba, região do Baixo Tocantins paraense. Involuntariamente é tomado pelas entidades umbandistas com apenas 13 anos. Com ele repetiu-se o mesmo ciclo de perseguições que se proliferam nos outros cantos do nosso Brasil. Primeiro a rejeição familiar. O que declarar de um filho de família tradicional ligada ao catolicismo romano, recebendo manifestações mediúnicas? A pressão exercida por sua parentela, a primeira e talvez a marcante, não freou a vocação missionária do futuro babalorixá.

Junto à família, segue-se a discriminação social. Por onde quer que andasse, Paulo sempre era acompanhado por olhares transversais, rostos raivosos, por vezes assustados, e seus ouvidos alarmados por palavras de insulto ou deboche. Denúncias? Não se pode enumerar! A visita da polícia ao terreiro nascente era constante, fruto da insatisfação da vizinhança com o soar dos tambores nos arredores.

Mas, poderíamos nos perguntar, o histórico de resistência percorrido por pai Paulo só demarcou-se por episódios de luta contra o preconceito social e religioso? Não. As décadas que se seguiram à implantação do terreiro foram igualmente premiadas por eventos de alta dignidade humana.

O maior deles, talvez, o Projeto de Lei de autoria do então vereador Ademir Bitencourt Azevedo, que propôs o tombamento do espaço físico do terreiro Urucaia, bem como da antiga festividade conhecida como círio de Nossa Senhora sincretizada com a orixá Yemanjá. O Projeto fora sancionado e aprovado como Lei municipal. Trata-se do reconhecimento público, por parte da prefeitura e vereanças, de uma prática de décadas de assistência espiritual às populações abaetetubenses, onde o governo promete o mínimo de amparo e louvor à obra erigida pelo babalorixá. Em 4 de dezembro de 2019, a Câmara Municipal de Vereadores de Abaetetuba abria sessão noturna e pública para homenagear pai Paulo e seus haveres. Noite glamorosa porque a ocasião exigia. Outros pais-de-santo e autoridades acadêmicas fizeram suas falas e o evento encerrado com uma breve gira aos orixás e com os flashes fotográficos que eternizaram a conquista.

V. Considerações Finais

A história de luta e resistência traçada por Pai Paulo persiste até o presente. Porque o preconceito de ontem é o mesmo de hoje. É bem verdade que ao longo dos anos o espaço africanizado de Paulo adquiriu respeito e admiração por parte de muitos. Artistas da terra, intelectuais universitários, simpatizantes da cultura negra voltaram seus olhares e atenção para o terreiro Urucaia. Formaram-se apoiadores que se juntaram a outros para diminuir a carga de opressão sobre a religião afro.

Não podemos desmerecer a ação politizante da Câmara de Vereadores, condecorando a benfezista homenagem do terreiro à Yemanjá, sempre em dezembro, como patrimônio histórico e imaterial do município de Abaetetuba. E, na mesma cerimônia, tombar o próprio terreiro Urucaia como patrimônio histórico municipal. Estes marcos foram importantes para a consolidação do prestígio do terreiro e do seu babalorixá.

No que toca às relações propriamente ditas entre o terreiro e a igreja observamos uma política de convivência pacífica, na sua aparência, mas conflituosa na essência (MIRANDA, 2020). De uma maneira opaca, a igreja presume ser defensora dos direitos humanos, ainda que os registros históricos revelem o contrário. Com efeito, parte considerável da literatura ocidental se esmerou em apresentar um cristianismo bem celestial que o constatado na realidade terrestre. Veja-se, comprovando, o habilidoso Jaime Balmes (1988) retorcendo a verdade dos fatos:

Quanto à atuação da igreja sempre contrária à escravidão, registre-se este depoimento de Tollenare: “Quando os portugueses começaram a se estabelecer, fez-se frequentemente guerra aos indígenas para os reduzir à escravidão; graças à ativa proteção dos jesuítas todos eles recuperavam a sua liberdade” (BALMES, 1988, p. 113).

Declaração amparada pelas ciências humanas atuais foi a defendida por Clóvis Moura na célebre *Rebeliões da Senzala*:

Contribuíram ainda os homens da *Societas Iesu* (os Jesuítas) para o abastardamento cultural do indígena, destruindo os seus padrões de valores (MOURA, 1981, p. 24).

O discurso de tolerância contido em muitos documentos da igreja Católica romana não desembocou na práxis cristã (BUTLER, 2019). Como bem expôs Fonseca (2009), o cristianismo nunca seguiu o acolhimento de seu divino Fundador, Jesus Cristo, sempre estranhando e abortando o que se comportava como diferente. Ao invés de valorizar a atividade curativa de muitas ritualísticas afro-brasileiras, a igreja impetrava na consciência social a dimensão demoníaca e criminal dos *feitiços* (FONSECA, 2009).

Isso nos leva a repetir a frase de Pérez:

Os tempos mudaram e com o tempo mudaram também os nomes dos opressores e dos oprimidos, as circunstâncias, os lugares, mas o problema continua sendo o mesmo (PÉREZ, 1993, p. 86).

Os *anátemas* continuam lançados aos grupos afro-brasileiros do município de Abaetetuba, de uma forma um tanto quanto velada, sim, devido a criminalização que o preconceito aberto gera, mas não se pode negar absolutamente que a comunidade negra continua marcada pelos mesmos estigmas do passado. A continuidade dos comportamentos raciológicos na atualidade, segundo Faustino (2022) e Fanon (2021), atesta que o preconceito passado se arrasta para o futuro. A era cibernética do hoje (FAUSTINO, 2023) não eliminou o racismo do ontem.

Dessa forma, a trajetória do Templo Afro-cristão Nagô Oxóssi Urucaia, agora Patrimônio histórico-cultural de Abaetetuba, permanecerá tal qual nos seus inícios: uma estrada de luta e resistência, um espaço de liberdade negra, um denunciar das injustiças, um lugar de acolhimento e inclusão.

Referencial Bibliográfico

- [1] Balmes, Jaime. *A Igreja Católica Em Face Da Escravidão: A Igreja E A Escravidão No Brasil*. Tradução De José G. M. Orsini. São Paulo: Centro Brasileiro De Fomento Cultural, 1988.
- [2] Butler, Judith. *Corpos Que Importam: Os Limites Discursivos Do “Sexo”*. Tradução De Veronica Daminelli E Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições E Edições N-1, 2019.
- [3] Conferência Nacional Dos Bispos Do Brasil, Leste 1. *Macumba: Cultos Afro-Brasileiros: Candomblé, Umbanda, Observações Pastorais*, 1972.
- [4] Paulo Ii, João. *Ecclesia In Africa: Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. São Paulo: Paulus, 1995. (Magistério Da Igreja, 8)
- [5] Bento XVI. *Africae Munus: Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sobre A Igreja Na África, Ao Serviço Da Reconciliação Da Justiça E Da Paz*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- [6] Delumeau, Jean. *O Cristianismo Vai Morrer?* Tradução De Michael De Campos. Lisboa: Livraria Bertrand, 1978.
- [7] *Documentos Do Concílio Vaticano Ii*. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos De Bolso)
- [8] Dussel, Enrique. *Siete Ensayos De Filosofia De La Liberación: Hacia Una Fundamentación Del Giro Decolonial*. Madrid: Editorial Trotta, 2020.
- [9] Fanon, Frantz Omar. *Racismo E Cultura*. Ceará: Editora Terra Sem Amos, 2021. (Coleção Textos Essenciais)
- [10] Faustino, Deivison. *Colonialismo Digital: Por Uma Crítica Hacker-Fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.
- [11] Faustino, Deivison. *Frantz Fanon E As Encruzilhadas: Teoria, Política E Subjetividade*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- [12] Fonseca, Alexandre Brasil. *Desigualdades Sociais, Políticas Públicas E Religião: Observações Por Ocasão Dos Centenários De Nina Rodrigues E Da Rua Azusa*. In: Almeida, Adrioaldo, Santos, Lyndon, Ferretti, Sérgio (Org). *Religião, Raça E Identidade: Colóquio Centenário Da Morte De Nina Rodrigues*. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção Estudos Da Abhr, 6)
- [13] Guerra, Lúcia Helena Barbosa. *Xangô Rezado Baixo. Xambá Tocando Alto: A Reprodução Da Tradição Religiosa Através Da Música*. Recife: Editora Universitária Da Ufpe, 2013. (Coleção Etnicorracial)
- [14] Johnson, Paul. *História Do Cristianismo*. Tradução De Cristiana De Assis Serra. Rio De Janeiro: Imago, 2001.
- [15] Miranda, Eduardo Oliveira. *Corpo-Território E Educação Decolonial: Proposições Afro-Brasileiras Na Invenção Da Docência*. Salvador: Edufba, 2020.
- [16] Moura, Clóvis. *Rebeliões Da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*. 3 Ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981. (Coleção A Questão Social Do Brasil, 6)
- [17] Pérez, Juan Manuel. *E Estes, Não São Homens? A Igreja E A Verdadeira História Da América*. Tradução De Grupo Solidário São Domingos. São Paulo: Editora Letras E Letras, 1993.
- [18] Rafael, Ulisses Neves. *Xangô Rezado Baixo: Religião E Política Na Primeira República*. Maceió: Editora Ufal; São Cristóvão: Editora Ufs, 2013.
- [19] Sloterdijk, Peter. *Pós-Deus*. Tradução De Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2019.